

13

GESTÃO EMPRESARIAL
ECONOMIA

TEORIA DA DETERMINAÇÃO DA RENDA E DO PRODUTO NACIONAL



13

ECONOMIA TEORIA DA DETERMINAÇÃO DA RENDA E DO PRODUTO NACIONAL



OBJETIVOS DA UNIDADE DE APRENDIZAGEM

Entender o conceito da teoria de renda, considerando o consumo agregado, poupança agregada e investimento agregado.



COMPETÊNCIAS

Avaliar as consequências econômicas do pleno emprego e do desemprego na economia.



HABILIDADES

Identificar a importância do consumo agregado, poupança agregada e investimento agregado na oferta agregada e demanda agregada.

APRESENTAÇÃO

As flutuações econômicas ocorrem ano a ano e na maioria dos anos a produção de bens e serviços aumenta, em alguns anos esse crescimento não acontece, causando recessão.

Uma recessão é um período qualquer de redução do PIB real, das rendas dos indivíduos e de aumento de desemprego, já uma depressão é uma recessão severa e longa. Essas flutuações econômicas consistem principalmente em variáveis macroeconômicas, como já estudamos em outras UAs.

Nesta Unidade vamos entender essas flutuações econômicas, tendo como base o modelo keynesiano, e analisando as mudanças que ocorrem com a demanda agregada e a oferta agregada na economia.

Está pronto?

PARA COMEÇAR

Como já estudado em outra Unidade, o PIB mede tanto a renda nacional quanto a despesa nacional, estamos dizendo que renda e despesa é a mesma coisa. Renda e despesa, para a economia como um todo, deve ser igual.

A Tabela 1 apresenta a evolução do PIB nominal brasileiro no período de 2000 a 2010. Analisando a tabela, podemos verificar que o Brasil começou a apresentar maiores taxas de crescimento do PIB após 2009.

Tabela 1. PIB
Nominal Brasileiro
Fonte: IPEADATA
(2012).

ANO	R\$ TRILHÕES
2000	1,179.482
2001	1,302.136
2002	1,477.822
2003	1,699.648
2004	1,941.498
2005	2,147.943



ANO	R\$ TRILHÕES
2006	2,322.818
2007	2,562.300
2008	2,889.719
2009	3,140.000
2010	3,675.000

Diversos são os fatores que impedem o crescimento econômico dos países, podemos entender, por exemplo, você sabe o que significa quando um país está em um processo de recessão e ou depressão?

Recessão é entendida com um processo de contração da atividade econômica por determinado período de tempo, reduzindo a produção e aumentando o desemprego.

Já depressão é um processo considerado pior que a recessão, pois consiste um longo período de estagnação econômica, maior que a recessão.

Você se lembra de alguma recessão ou depressão econômica?

O Brasil já passou por diversos ciclos de recessão. O período mais extenso aconteceu na década de 1980, quando tivemos a transição do regime militar para a democracia. No governo do presidente José Sarney, os brasileiros enfrentaram longos períodos de inflação e hiperinflação.

No mundo podemos a Alemanha foi o país que mais permaneceu em recessão, entre 1962 e 2007, em seguida o Japão e a Itália, com recessão de 99 meses cada.

Depois dessa breve exposição interessante sobre recessão e depressão, nesta UA estudaremos as variáveis que determinam o nível de renda nacional, por meio do modelo Keynesiano, ou Teoria da Determinação do Equilíbrio da Renda Nacional.

Vamos lá!



ATENÇÃO

Keynes sustentava que uma economia poderia atingir o equilíbrio, mesmo apresentando significativos níveis e desemprego de trabalhadores e de outros fatores de produção.

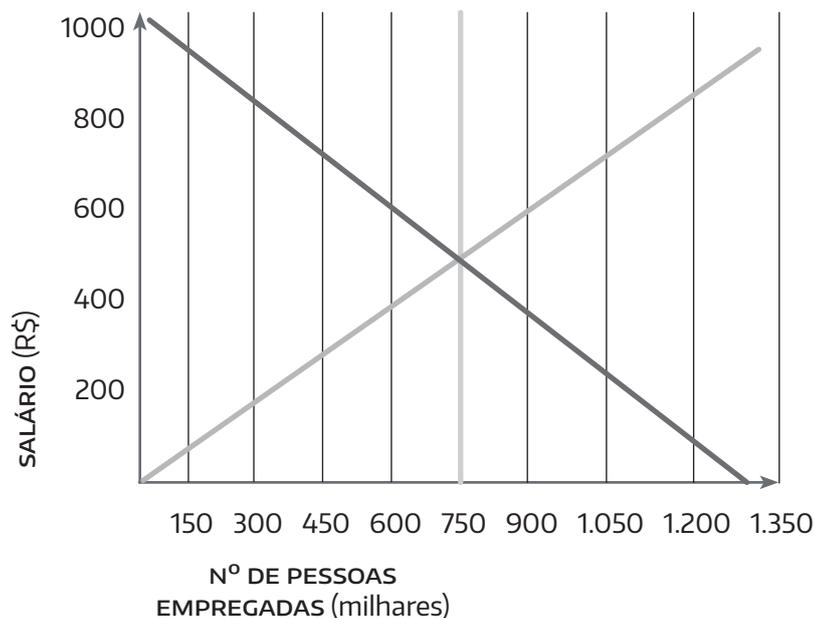
FUNDAMENTOS

1. ECONOMIA EM PLENO EMPREGO

Na década de 1930, a economia mundial passou por uma grave crise econômica, que ocasionou numa queda da atividade econômica e elevação das taxas de desemprego. Foi nesse cenário, que o economista John Maynard Keynes desenvolveu suas teorias, tendo como embasamento a necessidade da intervenção do governo para regular a atividade econômica e conduzir a economia ao pleno emprego, ou seja, todos os fatores de produção empregados. Os estudos de Keynes são de extrema importância dentro dos fundamentos da teoria econômica até os dias atuais.

A Tabela 2 apresenta um conceito que será compreendido melhor nesta UA. Apenas para compreendê-lo em linhas gerais, a linha verde representa a oferta de trabalho provida pelos trabalhadores. O custo de trabalhar, do ponto de vista dos trabalhadores, é representado pela troca de abrir mão do lazer para realizar os esforços e a dedicação que um emprego exige.

Tabela 2. Lei de oferta e demanda para o mercado de trabalho.
Fonte: dados hipotéticos.



Ainda com relação à Tabela 2, a linha vermelha representa a demanda por mão de obra. Nesse caso, as empresas fazem o papel do consumidor e passam a enxergar a utilidade de comprar trabalho pela produtividade que ele representa. Por meio da oferta e demanda, haverá um único ponto de equilíbrio, representado pelo intercepto das linhas no ponto em que o salário será de R\$ 400 e o número de pessoas empregadas será de 750 mil, neste exemplo hipotético.

As 750 mil pessoas empregadas representam do ponto de vista da teoria neoclássica, o nível de pleno emprego. Mas esse equilíbrio é alterado constantemente principalmente em períodos de recessão e depressão.

As flutuações econômicas ocorrem ano a ano e na maioria dos anos a produção de bens e serviços aumenta, em alguns anos esse crescimento não acontece, causando recessão.

Uma recessão é um período qualquer de redução do PIB real, das rendas dos indivíduos e de aumento de desemprego, já uma depressão é uma recessão severa e longa.

Essas flutuações econômicas consistem principalmente em variáveis macroeconômicas, como já estudamos em outras UAs, que flutuam juntas (principalmente as relacionadas à renda e produção), como por exemplo, a redução da produção gera um aumento do desemprego.

2. OFERTA AGREGADA, O DESEMPREGO E NÍVEL GERAL DE PREÇOS

Os autores Pinho e Vasconcelos (2006) demonstram que a oferta agregada (OA) representa o valor total da produção de bens e serviços finais que as empresas produzem e vendem a cada nível de preços: é o próprio PIB. A oferta agregada pode variar em razão da disponibilidade de fatores de produção. No modelo Keynesiano, a oferta agregada é fixa no curto prazo.

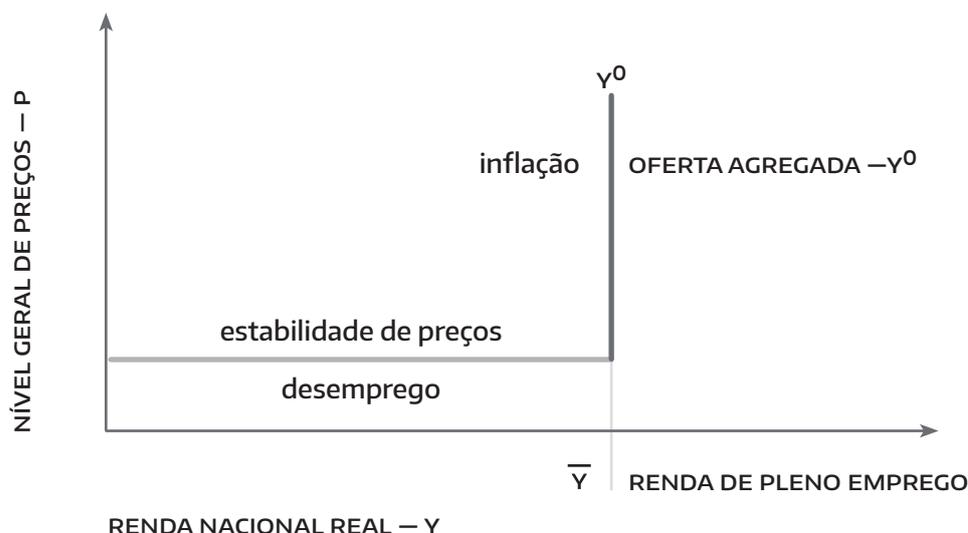
OA = Renda Nacional = Produto Nacional Real

As firmas (que representam a oferta) respondem às mudanças na demanda através de três formas:

- a. Aumenta a produção, sem elevar os preços. Nesse caso, ocorre o desemprego de recursos (mão de obra desempregada – modelo Keynesiano);
- b. Aumenta a produção e eleva os preços. Alguns recursos estão em pleno emprego e outros estão com desemprego;
- c. Apenas elevam os preços, este é o caso do pleno emprego dos fatores de produção. A situação sustentável de elevação de todos os preços de bens e serviços na economia recebe o nome de inflação.

A Figura 1 ilustra exatamente as três formas descritas acima. O eixo vertical mostra o nível geral de preços, enquanto o eixo horizontal indica a renda nacional (OA) da economia. Qualquer valor da renda nacional à esquerda da renda de pleno emprego indica desemprego na economia, mantendo constante o nível geral de preços.

Figura 1. Oferta agregada, desemprego e nível geral de preços.



A renda de pleno emprego demonstra que apenas os preços subirão, aumentando a renda nominal e mantendo constante a renda real.

Um aumento no produto leva a um aumento no emprego, o que reduz o desemprego, conseqüentemente, a taxa de desemprego. Na economia, ocorre renda de pleno emprego quando todos os recursos produtivos disponíveis estão sendo utilizados, e a economia está produzindo com capacidade total.

Outra análise que podemos fazer com relação à oferta agregada é que no curto prazo, um aumento no nível geral de preços tende a aumentar a quantidade de bens e serviços ofertados, e uma diminuição no nível geral de preços tende a diminuir a quantidade de bens e serviços ofertados.

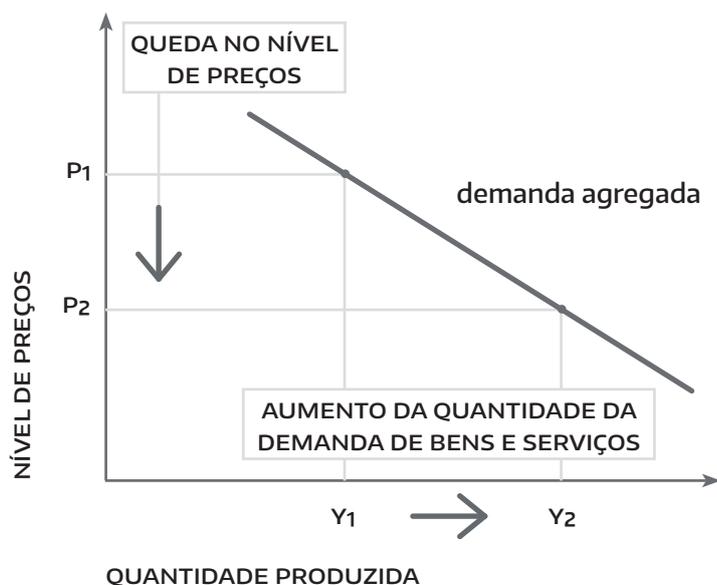
Uma redução de qualquer determinante da oferta agregada conduz a uma queda na produção abaixo da taxa natural de produção, o desemprego cresce e o nível de preços aumenta.

3. DEMANDA AGREGADA

Demanda agregada corresponde à demanda de bens de consumo das famílias (C), investimento (I), gastos governamentais (G) e demanda líquida do setor externo, exportações (X) menos importações (M), conforme representada pela seguinte fórmula:

$$DA = C + I + G + X - M$$

Figura 2. Curva de demanda agregada.



A curva de demanda agregada tem uma inclinação negativa, como pode ser visto na Figura 2. A inclinação negativa ocorre devido a três efeitos:

- Efeito da renda;
- Efeito da taxa de juros;
- Efeito da taxa de câmbio.

Utilizando as informações contidas em Vasconcellos e Garcia (2008), dizemos que uma queda no nível de preços de P_1 para P_2 aumenta a quantidade demandada de bens e serviços de Y_1 para Y_2 . Essa alteração depende do consumo, investimentos e exportações líquidas na economia em determinado período de tempo.

Uma redução no nível de preços leva os indivíduos a se sentirem mais ricos, e os encorajam a gastar mais, aumentando os gastos significa demandar mais bens e serviços.

A curva de demanda agregada pode se mover considerando as seguintes situações:

- Mudanças no Consumo;
- Mudanças no Investimento;
- Mudanças nos Gastos do Governo;
- Mudanças nas Exportações Líquidas.

4. EQUILÍBRIO MACROECONÔMICO

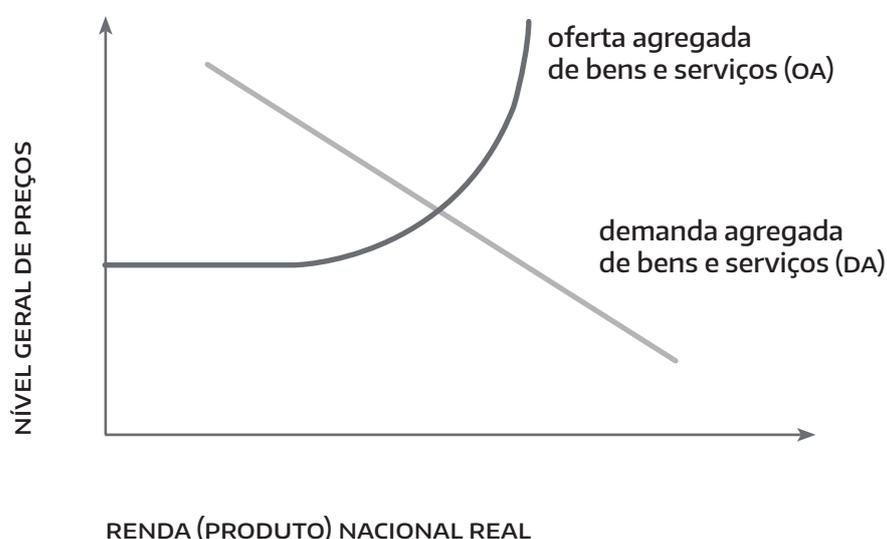
O equilíbrio macroeconômico, ou renda de equilíbrio, ocorre quando a oferta agregada iguala com a demanda agregada de bens e serviços.

Esse equilíbrio corresponde exatamente ao modelo Keynesiano, ou seja, equilíbrio com desemprego ou equilíbrio abaixo do pleno emprego.

O objetivo da política econômica, conforme o modelo de Keynes é de localizar o equilíbrio com pleno emprego, isto é, o equilíbrio entre oferta agregada e demanda agregada, juntamente com o produto de pleno emprego ou a renda, como pode ser visto na Figura 3.

Conforme Keynes a oferta agregada é fixada no curto prazo, e para chegar ao equilíbrio macroeconômico, a política econômica poderá alterar apenas a demanda agregada, através de instrumentos que modifiquem os gastos com consumo, investimento, gastos do governo, exportações, entre outros.

Figura 3. Oferta e demanda agregada.



5. AGREGADOS MACROECONÔMICOS NO MERCADO DE BENS E SERVIÇOS

5.1. CONSUMO AGREGADO

O consumo agregado é determinado por vários fatores, sendo a renda o mais relevante. A grandeza das despesas em consumo, pela população, depende fundamentalmente do nível de renda nacional disponível da economia. Entendemos como sendo renda disponível a parcela da renda que os consumidores podem gastar ou poupar.

Keynes desenvolveu o conceito de propensão marginal a consumir, que demonstra uma variação no consumo em função de uma variação na renda disponível, que pode ser representado da seguinte forma:

$$\text{Propensão marginal a consumir} = \frac{\text{variação no consumo agregado}}{\text{variação na renda nacional disponível}} = \frac{\Delta C}{\Delta \text{RND}}$$

Suponhamos que em determinado período nós teremos os seguintes valores hipotéticos de renda disponível e de consumo, conforme mostra a Tabela 3:

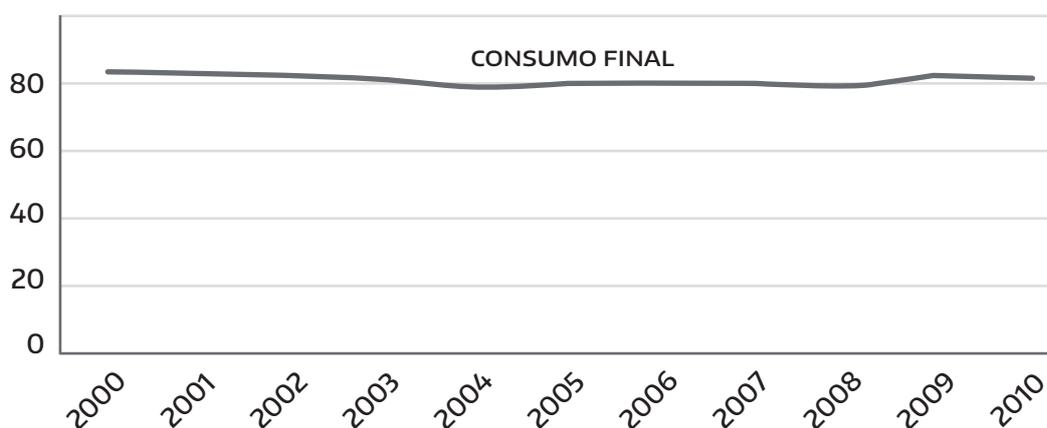
Tabela 3. Exemplo de Propensão marginal a consumir.

RENDA DISPONÍVEL (01)	CONSUMO (2)	PROPENSÃO MARGINAL A CONSUMIR (3)
\$ 7.000,00	\$ 3.000,00	-
\$ 8.500,00	\$ 4.000,00	0,67

A Tabela 3 indica que uma variação de R\$ 1.500,00 na renda disponível, a propensão marginal a consumir será de 0,67, ou seja, dado um aumento na renda disponível de R\$ 1.500,00, o consumo aumentará em 0,67.

Outra forma de entender o consumo é verificar qual é a porcentagem dessa conta dentro do Produto Interno Bruto, ou seja, qual o peso que o consumo tem na formação do PIB. Essa relação pode ser visualizada na Figura 4.

Figura 4. Consumo Final em (% PIB).
Fonte: IPEADATA, 2011.

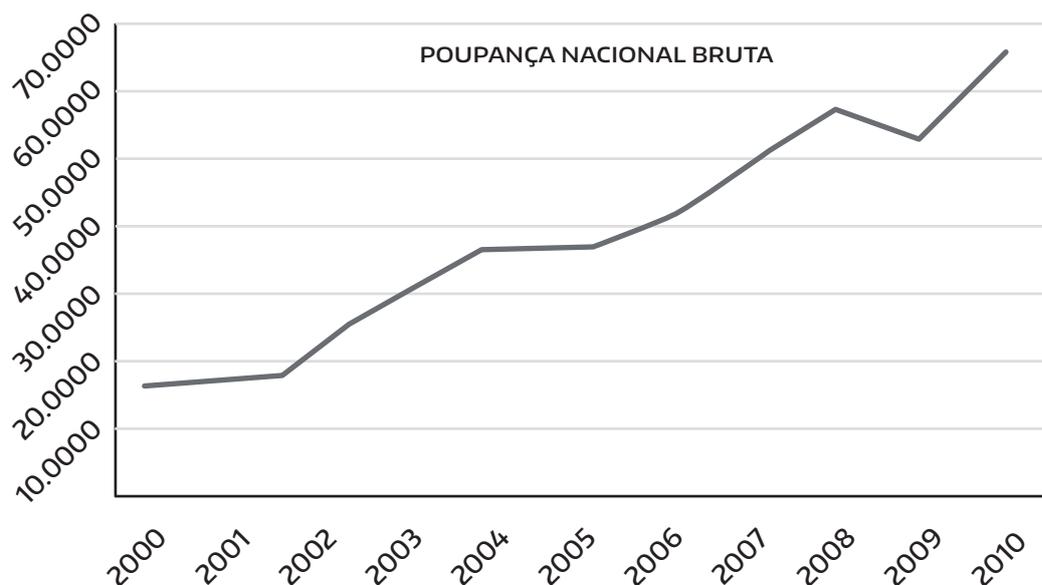


A Figura 4 demonstra que o consumo representa uma grande parcela na formação do PIB, sendo responsável também pelo crescimento econômico do país.

5.2. POUPANÇA AGREGADA

A poupança agregada é a parcela da renda nacional disponível que não é gasta imediatamente em bens de consumo.

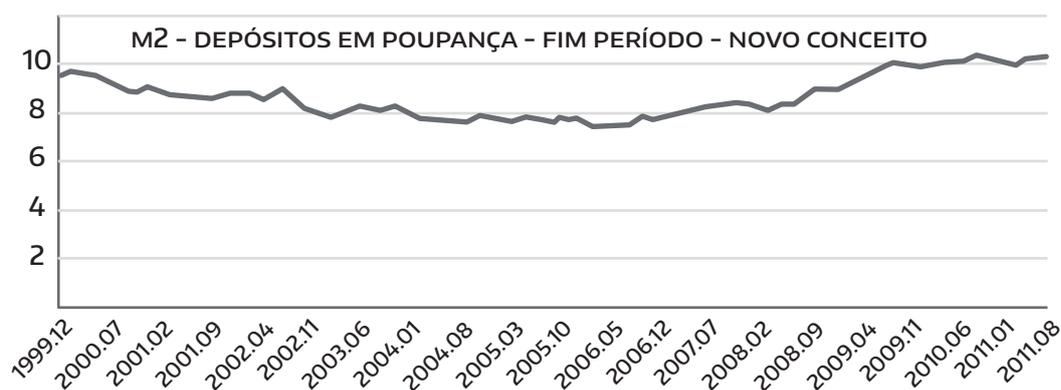
Figura 5. Poupança Nacional Bruta em R\$ (milhões).
 Fonte: IPEADATA, 2011.



A Figura 5 apresenta os valores da poupança nacional bruta no Brasil no período de 2000 a 2010, indicando um aumento no volume de recursos que não são gastos imediatamente em bens de consumo.

Os depósitos em poupança também exercem grande papel na economia, principalmente quando levamos em consideração a taxa de juros, pois quando temos um aumento na taxa de juros surge o estímulo a poupar; o contrário, uma queda na taxa de juros, conduz a um aumento no consumo. A Figura 6 ilustra a evolução dos depósitos em poupança com relação ao PIB.

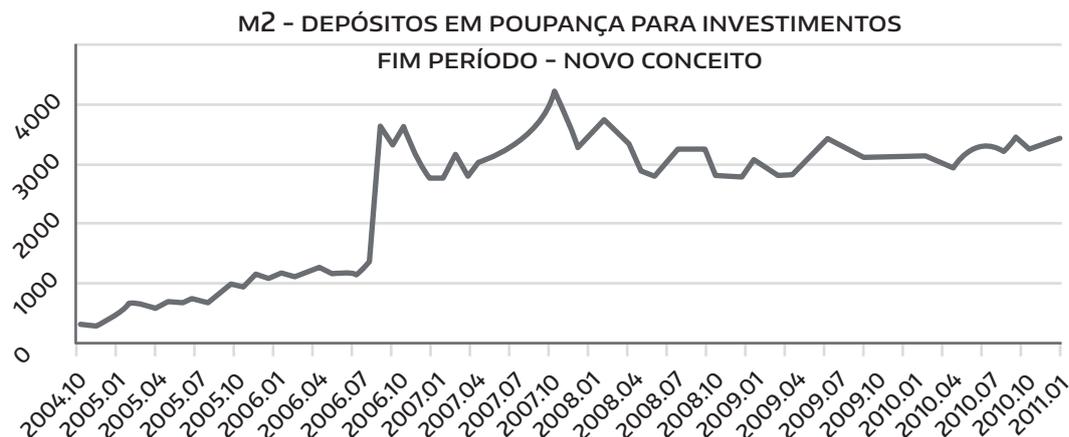
Figura 6. Depósitos em poupança em (% PIB).
 Fonte: IPEADATA, 2011.



5.3. INVESTIMENTO AGREGADO

Investimento é o aumento no estoque de capital que conduz ao crescimento da capacidade produtiva do período seguinte. Na teoria macroeconômica, o investimento pode ser analisado tanto no curto como no longo prazo. No curto prazo o investimento influencia a demanda agregada, e no longo prazo afeta a oferta agregada.

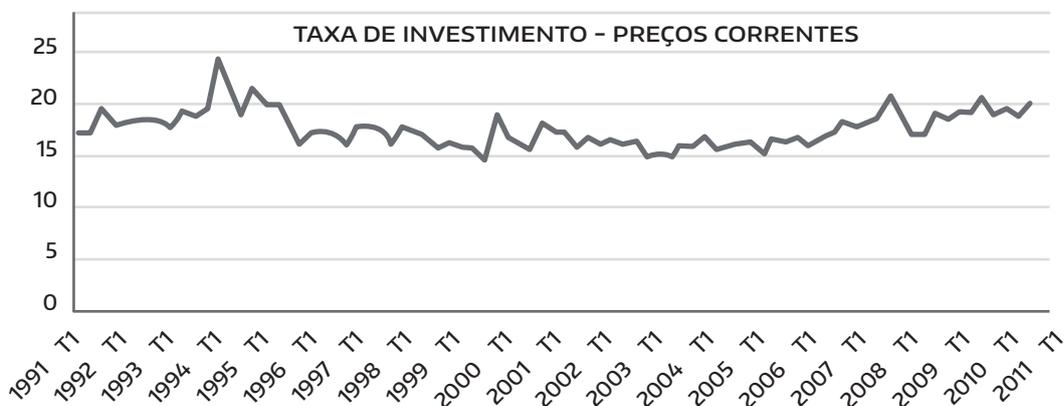
Figura 7. Poupança para investimentos em R\$ (milhões).
Fonte: IPEADATA, 2011.



Na Figura 7, podemos observar a trajetória de valores de poupança destinados para investimentos. No ano de 2008, é possível verificar uma sensível queda nos valores para investimento, uma das causas aceitáveis para essa diminuição, pode ser a crise imobiliária ocorrida nos Estados Unidos da América no final do ano de 2008.

Para ilustrar melhor a conta investimento, segue a Figura 8 que demonstra a taxa de investimento em preços correntes (preços do período) com relação ao PIB.

Figura 8. Taxa de Investimento trimestral em (% PIB).
Fonte: IPEADATA, 2011.



A explicação para o crescimento da renda nacional de um país depende de diversos fatores, mas a principal variável é o investimento. A demanda por investimento pode ser explicada por diversos elementos, mas dois se destacam, como segue:

- a. Expectativa dos Empresários: os empresários decidem pelo investimento conforme as expectativas que possuem com relação ao futuro na economia.

- b. Taxa de Juros: a taxa de juros é um dos fatores ponderados pelos empresários no momento do investimento, o empresário apenas investirá caso o rendimento esperado desse investimento for maior que a taxa de juros de mercado.



ATENÇÃO

O investimento pode ser utilizado como um mecanismo para se atingir o pleno emprego de uma economia.



Leia os artigos abaixo, que falam sobre a oferta e demanda agregada e reflita sobre eles:

Black Friday ajuda varejo a subir 1,2% em novembro, aponta Serasa¹

1. Valor Econômico,
6. dez. 2016.

Houve alta de 1,2% no movimento dos consumidores nas lojas durante o mês de novembro, na comparação com outubro, já descontados os efeitos sazonais, segundo a Serasa Experian. Foi a primeira alta mensal do comércio varejista do segundo semestre deste ano. Na comparação com o mesmo mês do ano passado, o movimento caiu 2,2%, a menor queda neste critério de comparação desde setembro do ano passado. E no acumulado do ano, há recuo de 7%.

Para a Serasa, a Black Friday impulsionou o comércio varejista em novembro. Houve alta de 11% na movimentação dos consumidores no final de semana do evento (25 a 27 de novembro) em relação ao período da promoção no ano passado.

Contudo, as dificuldades enfrentadas pelos consumidores, como juros altos nos crediários, desemprego em alta, confiança ainda baixa, manteve a atividade varejista, ao longo do mês, em patamar inferior ao observado no ano passado, diz a Serasa.

Em novembro, as categorias que registraram aumento na atividade: móveis, eletroeletrônicos e informática (+0,6%) e tecidos, vestuário, calçados e acessórios (+1%). No campo negativo estão combustíveis e lubrificantes (-0,4%); veículos, motos e peças (-0,8%) e material de construção (-1,6%). Já o segmento de supermercados, hipermercados, alimentos e bebidas ficou estável.

No acumulado do ano até novembro, a maior retração do consumo no período ocorreu no segmento de veículos, motos e peças, o qual registrou queda de 13,3% frente ao mesmo período do ano passado. A segunda maior queda foi de 12,9%, observada no movimento dos

consumidores nas lojas de tecidos, vestuário, calçados e acessórios. Houve recuo também significativo, de 11,5%, nas lojas de móveis, eletroeletrônicos e equipamentos de informática.

Quedas menores ocorreram nas lojas de material de construção (-5,3%) e nos supermercados, hipermercados, alimentos e bebidas (-7,1%). Somente o segmento de combustíveis e lubrificantes se mantém no terreno positivo, com alta de 2,2% em relação ao período acumulado de janeiro a novembro do ano passado.



ATENÇÃO

Qualquer acontecimento ou política que aumente o consumo, o investimento, os gastos do governo ou exportações líquidas para um nível de preços dado, aumenta a demanda agregada.



E AGORA, JOSÉ?

Vamos fazer uma síntese do conteúdo apresentado nesta UA:

- A oferta agregada (OA) representa o valor total da produção de bens e serviços finais que as empresas produzem e vendem a cada nível de preços, é o próprio PIB;
- Demanda agregada corresponde à demanda de bens de consumo das famílias, investimento, gastos governamentais e a demanda líquida do setor externo, exportações menos importações;
- O consumo agregado é determinado por vários fatores, sendo a renda o mais relevante;

- A poupança agregada é a parcela da renda nacional disponível que não é gasta imediatamente em bens de consumo;
- Investimento é o aumento no estoque de capital que conduz ao crescimento da capacidade produtiva do período seguinte.

Agora que você já aprendeu analisar oferta agregada e demanda agregada, e a importância que o setor externo tem para a nossa economia, através da exportação e importação, a próxima UA será dedicada a analisar como o Brasil se relaciona com o resto do mundo. Essa relação será demonstrada através do estudo do Balanço de Pagamentos.

Bons estudos!

GLOSSÁRIO

Curva de demanda agregada: uma curva que demonstra a quantidade de bens e serviços que as famílias, as empresas e o governo desejam comprar dado um nível de preços.

Curva de oferta agregada: uma curva que demonstra a quantidade de bens e serviços que as empresas resolvem produzir e vender dado um nível de preços.

Pleno emprego de recursos: ocorre quando todos os fatores produtivos da economia estão sendo utilizados.

Propensão marginal a consumir: variação do consumo dada uma variação na renda disponível.

REFERÊNCIAS

PINHO, D. B.; VASCONCELOS, M. A. **Manual de introdução a economia.** Saraiva, 2006.

VASCONCELLOS, M. A. S; GARCIA, M. E. **Fundamentos de economia.** Saraiva, 2008.